

A TÉCNICA DA CRIANÇA FOCAL: UMA METODOLOGIA PARA OBSERVAR AS CRIANÇAS DURANTE O RECREIO DA ESCOLA

THE FOCAL CHILD TECHNIQUE: A METHODOLOGY FOR OBSERVING CHILDREN DURING SCHOOL PLAY

*DALVA RODRIGUES DE AMORIM*  
Secretaria de Estado da Educação, SEE (Brasil)  
*JOSE ANTONIO SÁNCHEZ MEDINA*  
*VIRGINIA MARTÍNEZ LOZANO*  
Universidad Pablo de Olavide (Espanña)

RESUMO

Neste artigo apresentamos uma metodologia para a observação de condutas em contextos naturais. Neste caso a técnica de observação da criança focal foi utilizada para colher os dados sobre condutas de brincadeiras de meninos e meninas com idade entre os 6 e 11 anos, com o objetivo de observar as diferenças entre eles em função do grupo social ao qual pertencem (brancos, negros e pardos). O estudo pretendia descrever as condutas de brincadeiras de alunos de diferentes idades durante o horário do recreio.

RESUMEN

In this article, we present a methodology for the observation of behaviors in natural contexts considering the influence of adult culture on the culture of childhood and the social role of the school. In this case, the focal child observation technique was used to collect the data on the behavior of boys and girls between 6 and 11 years of age, in order to observe the differences between them as a function of the social group to which they belong (white, black and brown). The study was intended to describe the behavior of pupils of different ages during recreation hours. These behaviors, and especially the social level of them, were used to determine patterns of social interaction that marked differences between boys and girls according to gender and belonging to a particular social group.

PALAVRAS-CHAVE

Metodologia - Observação - Criança focal - Píadas - Campo de jogos - Escola

KEYWORDS

Methodology - Observation - Focal child - Jokes-Playground - School

Recibido: 10.11.2016 • Revisado: 05.07.2017 • Aceptado: 07.09.2017 • Publicado: 15.05.2018

Communication: drodriguesdeamorim@yahoo.com.br - jasanmed@upo.es - vmarloz@upo.es

### SUJEITOS

Os participantes do estudo foram 133 crianças entre meninos e meninas, brancas, negras e pardas do ensino fundamental que foram observadas na escola durante o tempo do recreio. Os dados foram colhidos em uma escola da rede estadual de ensino de Minas Gerais que está localizada em um bairro da zona Leste da cidade de Juiz de Fora, cujas famílias pertencem a um contexto de nível cultural e sócio econômico médio-baixo da economia local. Definiu-se como contexto observacional uma escola pública que apresentasse algumas características importantes para desenvolver o estudo, o que apresentaremos no parágrafo seguinte.

Foram selecionadas 23 crianças de 06 anos, 23 crianças de 07 anos, 23 crianças de 08 anos, 22 crianças de 09 anos, 22 crianças de 10 anos e 20 crianças de 11 anos, em um total de 133. As crianças nasceram nos anos de 2001, 2000, 1999, 1998, 1997 e 1996, respectivamente. Em cada grupo o número de meninas e meninos tinha a seguinte composição: - para os de 06 anos, de 15 meninos para 8 meninas; - para os de 07 anos, de 12 meninos para 11 meninas; - para os de 08 anos, de 11 meninos para 12 meninas; - para os de 09 anos, de 13 meninos para 09 meninas; para os de 10 anos, de 12 meninos para 10 meninas e para os de 11 anos, de 13 meninos para 07 meninas. As crianças foram codificadas de acordo com sua raça ou grupo de cor, de acordo com a descrição das pesquisadoras<sup>1</sup>. Essa foi feita depois de detalhada discussão acerca da identificação do pertencimento de cada indivíduo em seu grupo de raça, que neste estudo se refere à cor da pele. O número de alunos negros, brancos e pardos em cada turma variava do seguinte modo: para os de 06 anos tínhamos 08 negros, 07 brancos e 08 pardos; para os de 07 anos tínhamos 06 negros, 09 brancos e 08 pardos; para os de 08 anos tínhamos 16 crianças pardas, 05 crianças brancas e 02 crianças negras; para os alunos de 09 anos tínhamos 11 crianças pardas, 07 crianças negras e 04 crianças brancas; para os alunos de 10 anos tínhamos 11 crianças pardas, 08 crianças negras e 04 crianças brancas; para as crianças de 11 anos tínha-

<sup>1</sup> Antes de recolher os dados, realizou-se um treinamento de algumas alunas do curso de pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora, para auxiliarem nas observações que foram levadas a cabo durante a pesquisa. As observações foram feitas in loco, em tempo real. As pesquisadoras se organizavam em duplas, fazendo a categorização da amostra. Posteriormente, ajudaram com as marcações dos comportamentos emitidos pela criança focal e depois reunidas faziam o levantamento dos dados.

mos 08 crianças negras para 06 crianças pardas e 06 crianças brancas.

Descrições foram feitas pelas pesquisadoras, pelas crianças e por seus pais. As descrições dos pais foram utilizadas a partir das informações encontradas nas fichas de matriculas dos alunos, emitidas pelos pais. Observaram-se diferenças significativas entre a descrição dos pais e cor da pele da criança, tornando-se assim, as fichas, material para verificação e análise da desajustabilidade social.

A descrição também foi feita pelas crianças que respondiam acerca da sua cor de pele durante a aplicação do teste sociométrico. As respostas das crianças foram anotadas e também utilizadas para a análise dos dados recolhidos no estudo observacional. Tal como a descrição feita pelos pais, as das crianças, em alguns casos, tinham respostas incongruentes comparadas a descrição das pesquisadoras.

### MARCO CONTEXTUAL NO QUAL SE DESENVOLVEU A PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Juiz de Fora, um dos 853 municípios do Estado de Minas Gerais, que está localizado na região Sudeste do Brasil. Estima-se que o Brasil, com 8.511.925 km<sup>2</sup>, dividido em 26 estados e um distrito Federal, tem 190.000.000 habitantes.

A região Sudeste representa 6,9% da área territorial brasileira com 588,4 mil Km<sup>2</sup>, da qual fazem parte também os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo. A Região Sudeste concentra o maior desenvolvimento industrial, comercial e educacional do país. A cidade de Juiz de Fora está localizada na chamada Zona da Mata Mineira, tem 526.707 habitantes, sendo a quarta cidade mais populosa de Minas Gerais. Foi um importante centro industrial no Estado e sua principal fonte de renda na atualidade se concentra no comércio e na educação. Nos últimos anos tornou-se pólo estudantil que movimenta escolas e universidades que atendem a toda a população de Juiz de Fora e a grande parte das cidades da Zona da Mata.

A cidade possui escolas de ensino Particulares (administradas pela iniciativa privada), Municipais (administradas pelo município), Estaduais (administradas pelo Estado de Minas Gerais) e federais (administradas pela União). A escola onde desenvolvemos a pesquisa de campo atende a etapa do Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano nos turnos da manhã e tarde. Os alunos estavam organizados nas turmas pelo tempo de escolaridade, e em função da defasagem idade

Tabela 01 - AMOSTRA DAS CRIANÇAS FOCAIS – DESCRIÇÃO DAS PESQUISADORAS							
Idade das crianças	Nascimento Ano	Total de crs. p/ faixa etária	Crianças negras	Crianças brancas	Crianças pardas	Meninos	Meninas
06 anos	2001	23	08	07	08	15	08
07 anos	2000	23	06	09	08	12	11
08 anos	1999	23	02	05	16	11	12
09 anos	1998	22	07	04	11	13	09
10 anos	1997	22	08	04	10	12	10
11 anos	1996	20	08	06	06	13	07
Total por							
Categoria	--	133	39	35	59	76	57

Amostra dos sujeitos. Tabela 01. Fonte: Própria

série, encontram-se nas turmas um número significativo de alunos com idades diferentes.

Algumas instituições foram visitadas até que se encontrasse aquela com o perfil adequado, ou seja, Escola Pública, que atendesse a crianças de 6 a 11 anos, meninos e meninas brancas, pardas e negras. Após visita à direção da instituição, apresentação do trabalho de pesquisa, apresentação do tema, procedimentos e instrumentos que seriam utilizados, conseguiu-se autorização para a entrada das pesquisadoras.

Acompanhadas pela diretora da escola, foi necessário visitar as salas de aulas para conseguir a concordância das professoras cujos alunos participariam da pesquisa. Uma vez selecionadas as turmas, um pedido de autorização por escrito foi enviado para a Superintendência Regional de Ensino/Juiz de Fora, órgão responsável pela administração, supervisão e inspeção das escolas estaduais na região, cujo trâmite demorou alguns meses. Recebida a autorização, as pesquisadoras puderam aceder ao campo, com algumas restrições no que tange ao uso de filmadoras e máquinas fotográficas. O primeiro passo foi conversar com as crianças em busca de seu consentimento para participarem do estudo. Fomos dispensados do pedido de autorização aos pais, já que não se iria trabalhar com o registro de entrevistas com as crianças e muito menos com registro de filmagens e fotografias.

Com características físicas bastante peculiares, o prédio oferece como organização espacial áreas externas às salas de aula muito amplas. Todas as áreas

são interligadas ao redor do prédio, abaixo das salas de aula e ao fundo da construção. Por todos os lugares em que as crianças se deslocam existe uma maneira de se mover para um e outro espaço sem nenhuma dificuldade, o que as faz se deslocar com muita rapidez e desenvoltura. Os pátios são amplos, sem demarcação concreta, que as crianças utilizam como se tivessem demarcadores visíveis, e nomeiam os diferentes espaços parecendo haver linhas imaginárias que os separam. Neles, a ausência de brinquedos e parquinhos deixa todos os espaços livres, o que provocava nas crianças uma correria desenfreada por todos os lados. Por vezes alguns obstáculos eram colocados para diminuir as áreas por onde as crianças deveriam transitar. Como não havia brinquedos, as crianças que não estavam correndo, geralmente, se concentravam em um palco de madeira colocado numa das áreas embaixo das salas (portanto coberta) que servia para os encontros formais e apresentações lúdicas organizadas pelas professoras.

#### PROCEDIMENTOS

Para atender às exigências metodológicas, a escola deveria ter uma porcentagem equiparada de crianças negras e brancas e as idades das crianças selecionadas 06, 07, 08, 09, 10 e 11 anos de idade. Para selecioná-las, primeiro, as crianças deveriam ter idades dos 06 anos aos 11 anos de idade. Segundo, que nas turmas em que encontrássemos essas faixas etárias, as crianças tivessem sempre a mesma idade (exemplo 06 anos em uma

turma de 26 crianças), já que era necessário evitar a *distorção idade/série*<sup>2</sup> nos grupos etários. E, por último, que o tempo de recreio permitisse a observação dos grupos de crianças em atividades de brincadeiras. Após uma longa busca, a escola focal foi escolhida e o trabalho de campo iniciado após os trâmites necessários para se aceder ao campo.

Para eleger as crianças que comporiam a amostra, realizou-se alguns processos de seleção. Em primeiro lugar, designou-se a escola onde iria acontecer a pesquisa. Depois, os grupos de crianças que comporiam a amostra, pois era necessário atender aos grupos de pertencimento de cor e as idades. Também aplicou-se um teste sociométrico com as crianças que comporiam a amostra (Sánchez, 1998). Com esta técnica pretendamos obter informações das crianças acerca de suas preferências por seus colegas de sala, o que nos proporcionava informações sobre a dinâmica das relações existentes no grupo, permitindo-nos, assim, conhecer a posição de cada criança no conjunto das relações na classe. A seguir passamos a descrever a técnica utilizada.

#### TESTE SOCIOMÉTRICO

Foram combinados com a direção e as professoras os dias disponíveis para o desenvolvimento do teste sociométrico. Num espaço cedido pela escola (sala de aula ociosa) as crianças foram chamadas, uma a uma. Recolheram-se os dados entrevistando cada criança separadamente nessa sala onde se encontravam as pesquisadoras. Na entrevista, tratava-se de perguntar o que mais gostavam de fazer, quais os companheiros que escolhiam para brincar e também quais eram os companheiros com quem não lhes agradava dividir as brincadeiras. Deviam dizer se eles gostavam de brincar sempre com ele ou com ela. Se eles gostavam de brincar somente algumas vezes. Ou se, pelo contrário, eles não gostavam de brincar nunca com este ou aquele colega. Para que a criança se concentrasse na atividade proposta e, ao mesmo tempo, para fazer o teste mais concentrada, propunha-se à criança uma história. A história era a seguinte: - Observe as fotos que estão sobre a mesa. São as fotos de todos os alunos da sua classe. Veja se encontra a sua foto. Encontrou? Coloque-a então na máquina do trem... Nesta janela... Agora você é o maquinista do trem... Portanto, é você

<sup>2</sup> No Brasil é comum encontrar-se em uma mesma classe alunos de diferentes faixas etárias em função da reprovação na série. Pode-se encontrar, por exemplo, em turmas de 2º ano crianças, de 7, 8 e 9 anos.

quem manda neste trem...você vai fazer uma linda viagem...para onde você vai viajar? - Bem então o seu trem vai viajar. Ele tem dois vagões, está vendo? Então você pode escolher os colegas de sua turma para viajar com você... Neste primeiro vagão você vai colocar os colegas que você gostaria que fossem viajar com você. Então quem você vai levar? Coloque aqui... Neste segundo vagão você vai colocar os colegas de sua turma que você não levaria para viajar com você. Pode colocar....Agora me responda. Porque você vai levar este grupo de colegas para viajar com você? O que eles fazem que você gosta? E porque você não vai levar as crianças que estão neste segundo vagão? O que elas fazem que você não gosta?

Todas as respostas das crianças eram anotadas com o seu conhecimento. As pontuações oscilavam entre 0 e 2, o que significava o seguinte: Se codificava 0 se estava no grupo daqueles com os que o eleitor não gostava de brincar nunca; 1 se pertencia ao grupo de colegas com os que às vezes eles gostavam de brincar, mas nem sempre; e se as crianças eram aquelas com quem sempre gostavam de brincar. Uma vez obtidos esses resultados acerca da sociabilidade dos sujeitos que iriam fazer parte do nosso estudo, características sociais conhecidas através do teste sociométrico, das relações entre as crianças e assim obter dados adicionais sobre as condutas e possivelmente de seleção racial entre eles. Para além do teste sociométrico, contamos também com informações recebidas por parte das professoras, supervisora e diretora da escola acerca das crianças que se referiam sempre as suas habilidades cognitivas, sociais e psicomotoras quando falavam de cada um de seus alunos.

#### TÉCNICA DE REGISTRO DA CRIANÇA FOCAL

O segundo instrumento utilizado pelo estudo foi a técnica da criança focal (Hay, 1994; Sánchez-Medina e Martínez-Lozano, 1997) que consiste em eleger aleatoriamente uma criança da amostra total para a pesquisa, observando-a durante um tempo determinado. Cada criança foi observada durante quatro minutos, durante dois períodos diferentes, divididos de minuto a minuto a cada observação. Assim, em dias diferentes, cada criança eleita era passível de duas observações, contabilizando oito minutos de observação total para cada uma delas.

As pesquisadoras se inseriram na escola durante três meses, e o fizeram, até que cada criança da amostra (133) tivesse sido observada.

A recolhida dos dados se deu no pátio de recreio, tempo em que os professores iam tomar o café e as

crianças brincavam livremente sem o controle de nenhum adulto sobre as suas brincadeiras. Dois funcionários tomavam conta do recreio para evitar que as crianças se machucassem durante esse período. A duração do recreio era de 30 minutos, contados desde a saída da sala, incluindo o tempo da merenda e as idas ao banheiro, donde restavam cerca de 15 minutos para a brincadeira. Para aumentar o tempo de observação, algumas professoras permitiam que as crianças ficassem mais 30 minutos brincando livremente no pátio de recreio, sob nossa responsabilidade. Nesses momentos, aproveitávamos para observar o maior número possível de alunos. Nas observações das crianças durante o tempo do recreio nos assegurávamos que elas pudessem se organizar livremente para brincar. Elas escolhiam os lugares onde podiam brincar em grupos ou, ao contrário, mantinham-se mais isoladas.

As pesquisadoras se organizavam em duplas, fazendo as marcações dos comportamentos emitidos pela criança focal sem que uma pesquisadora soubesse o que a outra estava marcando e uma terceira marcando o tempo e orientando o início e o final da observação. Após as observações, o grupo se encontrava para concatenar os dados e excluir os possíveis erros nos procedimentos que não poderiam ter mais do que 20% de diferenças nos resultados obtidos. Sobre as diferenças nas codificações, as observadoras discutiam os resultados para se chegar a um acordo. O treinamento do grupo durou mais ou menos três meses, com a realização de um estudo piloto para comprovar a preparação da equipe e os olhares treinados rumo às observações que deveriam ter resultados equivalentes para dar fidedignidade às observações feitas. Ao final do treinamento, teve início a recolhida definitiva dos dados, já com avanços importantes em relação às competências das pesquisadoras. Esses avanços permitiam observar em duplas cada criança, utilizando-se um cronômetro sonoro que avisava quando terminava o tempo de cada observação.

As observações de cada criança focal foram feitas em dois dias diferentes, totalizando 8 minutos para cada criança. Escolhíamos dias alternados, para que se pudesse observar a frequência do comportamento registrado em momentos diferentes. Duas pesquisadoras ficavam incumbidas de observar a criança focal, ao mesmo tempo, tendo que codificar a conduta na folha de observação. A técnica da criança focal implicava considerar os tipos de brincadeira em que a criança estivesse diretamente envolvida, o tamanho do grupo, sua composição, as atividades empreendidas por cada criança observada, ou seja, a criança focal.

Os instrumentos utilizados nas observações foram a folha de codificação adaptada da Escala Observacional de Rubin (1986) para cada observação de quatro minutos, uma prancheta em que se colocavam as folhas, lápis, borracha, e um cronômetro para cada dupla de observadoras.

#### SISTEMA DE CATEGORIAS OBSERVACIONAIS

Inserimo-nos no campo utilizando a técnica da criança focal com base no trabalho já reconhecido de Rubin (1998) que utilizou em seus estudos a escala de observação das brincadeiras. Baseamo-nos em suas primeiras pesquisas, quando observou as preferências das crianças durante a brincadeira livre, nos concentramos nas hierarquias de participação social. Rubin (1998) se baseou em estudos clássicos anteriores e definiu seis categorias sequenciais de participação social: condutas desocupadas; brincadeira solitária, condutas de expectador; brincadeiras paralelas, brincadeiras associativas. Para observar melhor as relações sociais das crianças criamos algumas categorias que chamamos de contatos sociais onde a criança poderia ter uma posição ativa ou passiva (emitir uma piscadela ou responder a piscadela), de integração social de modo passivo ou ativo (quando a criança se insere no grupo e ali permanece ou quando é inserida por outra criança), de isolamento social (quando a criança escolhe ficar sozinha) e de exclusão social (quando a criança não é aceita pelo grupo). Uma segunda fonte de informação inicial utilizada por Rubin (1998) e presente neste estudo é a que se refere às condutas de brincadeiras que são originadas na classificação de Piaget (1962). Rubin apresenta um sistema de categorias sobre as originais de Piaget e as denominou da seguinte maneira: a - *brincadeira funcional*: simples movimentos musculares repetitivos realizados com objetos; b - *brincadeira construtiva*: manipulação de objetos para construir ou criar algo; c - *brincadeira dramática*: substituição de uma situação imaginária para atender aos desejos e necessidades pessoais da criança; d - *brincadeiras com regras*: aceitação de regras anteriormente acordadas e adequação às mesmas. Os quatro tipos de brincadeiras foram estabelecidos para desenvolver uma sequência relativamente fixa, com as brincadeiras funcionais aparecendo em primeiro lugar no desenvolvimento ontogenético e as brincadeiras com regras, como as últimas que aparecem durante o período das operações concretas. Estudos recentes, entretanto, têm mostrado que as brincadeiras construtivas e dramáticas (faz-de-conta) se desenvolvem

simultaneamente e seguem o mesmo curso de desenvolvimento.

Quando a criança *não brincava*, o registro era feito de acordo com a sua conduta de espectador, de desocupada. Também se registraram as condutas de transição de uma atividade para outra, as de agressão física para com um ou mais colegas, as de conversação com o professor e com outro aluno, e finalmente a conduta de exploração ou exploratória que são denominadas de condutas de não brincar.

A escala observacional aqui descrita representa a intenção de demonstrar como, em Rubin (1989), as duas grandes escalas hierárquicas das brincadeiras, a social de Parten (1932) e a cognitiva de Piaget (1932), tornam-se importantes. A utilização dessas escalas se mostrou muito útil, porque são capazes de sustentar a ideia de que existem diferenças nas brincadeiras das crianças em função do sexo e da idade e em função do nível socioeconômico; que existem efeitos no contexto ecológico da brincadeira e de caráter individual (Sánchez e Goudena, 1996) e também, nos contextos sociais, entre os que se distribuem as distintas formas de brincadeira cognitiva. Além disso, a escala tem sido utilizada para identificar tanto as crianças retraídas quanto as crianças agressivas que correm o risco de ter problemas psicológicos posteriores (Sánchez y Martínez-Lozano, 1997).

Foram inseridas categorias tais como *integração social passiva ou ativa, contato social positivo ou negativo e interação social do tipo positiva ou negativa*. Incluíram-se, assim, duas novas categorias de observação: *a do jogo social e dos elementos adicionais de conduta* que visaram contemplar condutas de integração social, de isolamento e exclusão social. Também as de agressão, brutas & desordenadas, de contato social, atividade física e interação social. A observação de cada *criança focal* se deu durante os momentos de brincadeiras na escola, no pátio de recreio, na quadra, nas aulas de educação física e nas salas de atividades. Todos os momentos de observação se deram quando as crianças brincavam sem a interferência direta do adulto e sem a sua supervisão.

#### ANÁLISE DESCRITIVA E RECODIFICAÇÃO DAS CATEGORIAS

##### a) Variáveis Explicativas

O primeiro dado que apresentamos diz respeito ao número de observações que foram feitas, com o objetivo de oferecer um panorama geral sobre a frequência das observações que são mostradas considerando

todas as porcentagens correspondentes. Esse total de 7.817 observações representa o número de observações para cada sujeito, considerando as categorias das idades, do sexo e descrição racial. Do conjunto de 7.817 observações das crianças e suas interações, considerou-se o contexto observado, o tamanho dos grupos de brincadeira, sua composição racial, o nível social da brincadeira e a conduta de não-brincar que corresponderam às 7.817 observações.

Em seguida, apresentamos os resultados obtidos em cada uma das categorias analisadas e os resultados das condutas empregadas durante o recreio sem se incluírem outras variáveis consideradas. Essa decisão corresponde ao objetivo de oferecer uma primeira aproximação aos dados, incluindo a recodificação das categorias em que isso se fez necessário por causa da frequência insuficiente com as quais contavam algumas das células.

Como fora mencionado, foram selecionadas para este estudo crianças de 06 anos, 07 anos, 08 anos, 09 anos, 10 anos e 11 anos. A frequência das observações para cada idade selecionada foi de 1.369; 1.242; 1.264; 1.331; 1.487 e 1.124 observações, respectivamente. O total foi de 7.817 observações com 100,0% de porcentagem válida. Esses grupos de idade foram mais tarde reagrupados para três categorias, a de crianças de 6-7 anos; as de 8-9 anos e as de 10-11 anos.

A categoria sexo das crianças tornou-se categoria explicativa para se analisar as condutas de brincadeiras das crianças, de meninos e meninas. A composição racial da amostra teve sua descrição a partir das declarações dos pais na hora da matrícula, das próprias crianças na aplicação do teste sociométrico e das pesquisadoras quando categorizavam as crianças nos grupos de raça e cor.

Porém para analisar os dados, somente utilizou-se a descrição das crianças, centrando a pesquisa no olhar que elas têm a respeito de si mesmas. Assim, não foram utilizadas para análise a descrição dos pais e das pesquisadoras, pois estas significariam o olhar do adulto sobre a descrição racial das crianças.

##### b) Variáveis de Resposta

As variáveis de resposta que neste estudo dizem respeito às categorias: nível social da brincadeira, tipo de brincadeira, condutas de não - brincar, tamanho do grupo e composição racial do grupo nos permitiram observar as condutas das brincadeiras das crianças, o modo como se agrupavam, o nível social da brincadeira, o tipo de brincadeira, as condutas de não brincar e a composição de raça/cor dos grupos. Com

isto, esperávamos encontrar dados que confirmassem que os padrões das condutas empregadas pelas crianças em suas interações estariam refletindo os valores relativos ao preconceito de raça presentes no mundo adulto e, portanto, na sociedade brasileira.

#### CONCLUINDO

Este estudo assumiu como ponto de partida que a cultura adulta de referência poderia influir nas condutas de seus membros mais jovens, porém que a cultura não seria fator determinante na conduta das crianças. Para chegar a algumas conclusões vimos como necessário observar como as crianças brincavam durante o tempo livre na escola. Como se agrupavam? Era preciso observar se crianças negras se encontravam segregadas em função de sua cor de pele. Se existe segregação do grupo de negros que observamos na sociedade brasileira através evidenciado pelo lugar que ocupam na sociedade, se existe de fato, na observação do modo de agir das crianças e das suas condutas sociais que empregam ao brincar talvez poderíamos encontrar respostas para a perguntas que fazíamos ao princípio deste estudo.

Sabemos que as crianças são capazes de reproduzir as características mais marcantes da cultura adulta de referência, em suas condutas de brincadeira como bem nos demonstrou os estudos de Sánchez (1994). Também, que a criança em interação no recreio da escola emprega condutas diferentes quando se analisa as diferentes idades, o gênero e a descrição dos grupos de raça/cor ao qual pertencem.

Poderíamos ter utilizado outros instrumentos de pesquisa, porém compreendemos que nenhum outro responderia o que queríamos observar. Estudos de caso, entrevistas e uma pesquisa puramente qualitativa. Quando optamos por este modo de pesquisar para assim tentar responder se na cultura de iguais podemos analisar os padrões das brincadeiras e encontrar diferenças no modo de interagir das crianças. A cultura de iguais como descrevemos, são um tipo de cultura que as crianças recriam em suas interações cotidianas, e que como assinala Corsaro, reproduzem o mundo adulto quando brincam e interagem livremente com seus companheiros. Para nós, estas condutas de iguais poderiam ser um bom barômetro para medir o grau de integrações e eventualmente o papel que está desempenhando a escola na hora de reproduzir as tensões do mundo adulto ou de reduzir essas tensões no mundo. Em princípio, nosso objetivo era observar esta diversidade, segundo por-

que era relevante. Quando analisamos como são os comportamentos das brincadeiras das crianças dessa escola, observamos que os nossos dados estão de acordo como os de outras investigações já realizadas. Quer dizer, as crianças menores empregam condutas de brincadeiras mais funcionais. Quanto maiores as crianças a tendência é a de brincadeiras com regras, aumentam a conversação. Os meninos tendem a ter jogos mais físicos enquanto que as meninas podem ter um jogo com tendência quase que puramente social. Com esta metodologia, o pesquisador trabalha de tal modo, que pode fazer uma descrição geral dos resultados, das distintas condutas de brincadeiras em função do sexo e em função da idade. Também pode, como foi o nosso caso, analisar a evolução da composição racial e da composição multirracial. E nesse quesito, pudemos ver se a nível de integração se incrementava ou se mantinha em igual medida para as crianças que estavam já há cinco anos na escola ou para aquelas que tinham acabado de ingressar. Os dados desta pesquisa mostraram que 90% das vezes que as crianças brincavam em grupo, o faziam em grupos multirraciais devido à grande diversidade existente na escola. Porém, pudemos analisar como vão evoluindo o comportamento dos distintos grupos. Pudemos observar quais são as condutas das brincadeiras e de seus diferentes tipos, do não brincar das crianças com seis /sete anos de idade em função da descrição racial, aos 8-9 e aos 10 -11 de tal maneira que pudemos identificar nos padrões das brincadeiras, diferenças no nível racial. Se pudermos identificar diferenças nos padrões de brincadeiras a nível racial, essas diferenças podem estar associadas a distintos padrões de socialização. Assim, algumas conclusões puderam ser feitas: - o que temos encontrado é que as crianças quando entram na escola brincam de maneira diferente em função de qual é seu grupo de descrição racial, Nessa faixa de idade parece que está claro para as crianças que existem diferenças e estas diferenças se mantêm nas crianças de 8-9 anos de idade e aos 10-11 anos. Inclusive essa diferença tende a incrementar-se, acentuar-se. Isso que quer dizer que nas brincadeiras elas se segregaram mais. Foi o que nos apontaram os dados. Também que existe distintos comportamentos de brincar nos diferentes grupos, de brancos e negros, de meninos e meninas, de crianças mais jovens e das mais velhas. Esses padrões de socialização que observamos nas crianças quando ingressam na escola se foram conservados mesmo com a função socializadora da escola. Se estes padrões de integração promovidos pela escola teriam que diminuir as diferenças, parece

que não está conseguindo. Esperávamos que as crianças tivessem um comportamento já perpassado pela cultura de igualdade apreendida pela escola. O que parece ainda não acontece, apesar das diferentes iniciativas para dissipar o preconceito racial na sociedade como um todo.

Aqui, o que ilustramos é uma maneira de utilizar o instrumento de observação mais neutral, ou seja, aquele onde não se pergunta diretamente a pessoa ou criança, como neste estudo. O que se observa é o comportamento da criança quando em suas brincadeiras reproduz o mundo adulto, e o faz de um modo diferente, do seu próprio modo. E o que observamos? Que existem padrões diferentes de condutas de brincadeira, padrões diferentes de relação que nós atribuímos a padrões diferentes de socialização. Esses padrões diferentes de socialização nos dizem que a escola não está cumprindo seu papel socializador, e como apontaram os dados desta pesquisa, não está cumprindo o seu objetivo de promotora da socialização das crianças no que diz respeito à dissipação do preconceito de raça/cor e social. Os dados apontam para uma permanência e agravamento das diferenças entre as crianças, quer sejam de cunho social e/ou racial. Quanto mais tempo as crianças permanecem na escola mais aumentam os comportamentos que mostram que a diferença racial pode sim ser determinante para a composição dos grupos de amizade, assim como os grupos que se aproximam socialmente.

#### BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

- Amorim, D. R. (2010) *A interação das crianças no contexto escolar brasileiro: a influência da cultura adulta na construção da cultura da infância*. Tese de doutoramento não publicada. Universidade Pablo de Olavide, Espanha.
- Goudena, P.P., Sánchez, J.A. (1996) *Peerinteraction in Andalucía and Holland: a comparative study*. *Infancia y Aprendizaje*, 75, pp. 49-58.
- Hay, D. F. (1984) *Social conflict in early childhood*. In G. Whitehurst (Ed.). *Annals of child development*, vol. 1. Greenwich, CT: JAI.
- Martínez, V., Sánchez, J.A. (1998) *El papel de las interacciones entre iguales en el proceso de socialización*. *Revista de Humanidades*. (Vol.9, pp. 125 – 134)
- Parten, M.B. (1932) *Social participation among preschool children*. *Journal of Abnormal and Social Psychology* (27, 243- 269)
- Piaget, (1962) 1. *Play, dreams and imitation*: New York. Norton.

Rubin, K. H., Coplan, R. J. (1998). *Social and non-social play in early childhood: An individual differences perspective*. In O. N. Saracho, & B. Spodeck (Eds.), *Multiple perspectives on play in early childhood education* (pp. 144-170). Albany: SUNY Press.

Medina, J.A.S, Lozano, V. M. (1997) *Peer interaction and socialization: a study on conflict managing in urban and rural preschoolers*. In: Fourth Congress of International society for Cultural Research and Activity. (pp. 97-97)